

Capítulo 4

Letramento: práticas sociodiscursivas

“São sujeitos que realizam trajetórias escolares irregulares e que, em sua maioria, não alcançam o ensino superior. Assim, outros contextos de vivência, em especial o da ação social, mas também a família, a religião e o trabalho, emergem como fatores decisivos na construção de suas trajetórias como leitores” (Ribeiro, 2005:22-23).

Em meados dos anos 80 surge o termo letramento (‘literacy’, em inglês) para designar as práticas sociais de leitura e de escrita diferentes daquelas práticas de ler e escrever resultantes do processo de aprendizagem do sistema da escrita (a alfabetização). Letramento pressupõe o domínio das habilidades de escrita e leitura para uma participação efetiva nas práticas sociais – trabalho, escola, religião, por exemplo.

Kleiman (2005:19) define letramento como “fenômeno social complexo, que abarca diversos graus e tipos de habilidades de uso da língua escrita e seu uso efetivo em práticas sociais, assim como o modo como indivíduos e grupos atribuem significados a essas habilidades e práticas”²⁰. A mera sistematização do código não garante a participação efetiva do indivíduo na sociedade da qual ele pertence. Há sempre a possibilidade de um indivíduo ser alfabetizado e não-letrado, bem como de ele ser letrado e não alfabetizado. É o que afirma Soares (2003):

“No Brasil as pessoas não lêem. São indivíduos que sabem ler e escrever, mas não praticam essa habilidade e alguns não sabem sequer preencher um requerimento”.

A alfabetização ocorreu, mas o indivíduo não consegue aplicar o conhecimento do código à prática. Descardeci (2002), nos oferece o seguinte exemplo:

“A partir de amanhã, os empregados somente poderão acessar o prédio usando cartões de segurança individuais. As fotografias serão tiradas na próxima quarta-feira, e os empregados receberão seus cartões em duas semanas (Microsoft, Redmond, WA)”.

²⁰ Street (1984 apud Kleiman, 2005) fala do termo letramentos “tanto no sentido de diversas linguagens e escritas, quanto no sentido de múltiplos níveis de habilidades, conhecimentos e crenças, no campo de cada língua e/ou escrita”.

Podemos observar, a partir do exemplo, que quem escreveu essa nota sabe usar as normas, as estruturas do código de forma adequada. No entanto, parece que, na prática, o significado está comprometido. O indivíduo é alfabetizado e não-letrado, pois ele não foi capaz de utilizar o código de forma comunicativamente competente. Ele dá uma instrução totalmente inconsistente: pede que os funcionários passem a usar seus cartões de segurança no dia seguinte ao comunicado enquanto os empregados só receberão esses cartões em duas semanas.

Contudo, o oposto também ocorre com frequência. Isto é, há indivíduos que não foram alfabetizados e que dominam as formas de uso da escrita e da leitura, tal qual nos mostra Soares (2003):

“(...) no filme Central do Brasil – alguns personagens conheciam a carta, mas não podiam escrevê-la por serem analfabetos. Eles ditavam a carta dentro do gênero, mesmo sem saber escrever. A personagem Dora (...) era um instrumento para essas pessoas letradas, mas não alfabetizadas, usarem a leitura e a escrita. No universo infantil há outro bom exemplo: a criança, sem ser alfabetizada, finge que lê um livro. Se ela vive em um ambiente literário, vai com o dedo na linha, e faz entonações de narração da leitura, até com estilo. Ela é apropriada de funções e do uso da língua escrita. Essas são pessoas letradas sem ser alfabetizadas”.

Para Silva (2004), no entanto, “esta questão [do letramento] é muito polêmica, uma vez que existem teóricos que afirmam que, em uma sociedade moderna, marcada pelo avanço científico e tecnológico, onde a escrita está presente em todo contexto social do indivíduo, é impossível afirmar que existem pessoas iletradas”. Podemos ser letrados em determinadas práticas e não em outras. Essa visão de letramento é contrária à visão tradicional que o vê como modelo de língua e discurso perfeitamente organizado. Dentro de uma nova concepção, o letramento é promovido enquanto há construção de significado e produção de texto que são do interesse do aluno.

Apesar de cada um – alfabetização e letramento – possuir características e funções particulares, é um erro dissociar as duas práticas. Enquanto a alfabetização pressupõe uma consciência dos sons e da grafia, da capacidade de codificar e decodificar a língua, o letramento faz supor que o indivíduo deva estar mergulhado não só na cultura escrita e oral, mas também participando das mais diversas experiências com a escrita, a leitura e a oralidade. Diferente dos modelos abordados nesse capítulo, o letramento não é um modelo para se ensinar a ler e

escrever. O letramento é um conjunto de práticas sociais que utilizam o sistema da língua (sistema simbólico) em contextos específicos com propósitos específicos (cf. Kleiman, 2004). Como tal, varia em grau (há diferentes graus de letramento) e apresenta multi-variações. Daí, o New London Group²¹(NLG) se referir a ele como multiletramentos. O argumento usado pelo grupo é o de que nossa vida pessoal, pública e profissional vem mudando consideravelmente e que essas mudanças, conseqüentemente, transformam nossa cultura e o nosso modo de comunicação. Então, o modo de entender e explicar letramento também deve mudar, sofrer alterações.

Segundo Cope e Kalantzis (2001)- precursores, dentre outros, do NLG - o termo *multiletramento* enfatiza duas mudanças importantes e correlacionadas. A primeira, é o crescimento da importância dada à diversidade lingüística e cultural. Isto é, em um mundo globalizado, precisamos negociar diferenças todos os dias. Os autores ilustram a situação da seguinte forma:

“Ao mesmo tempo em que o inglês está se tornando a *língua mundi*, uma língua mundial, uma *língua franca*, uma língua do comércio, da mídia e da política, o inglês está também se partindo em ‘ingleses’ múltiplos e incrivelmente diferentes, marcados pelo sotaque, o país de origem, estilo de subcultura e comunidades técnicas ou profissionais”²² (Cope e Kalantzis, 2001).

A segunda é a influência das novas tecnologias. O significado emerge de modos variados (multimodais) – escrita, imagens, áudio, o que requer um conceito de letramento novo e multimodal. Segundo os autores, essas duas mudanças possuem a força transformadora para alterar a visão do que é a língua e a pedagogia nos dias de hoje.

Dentre os estudos realizados seguindo os princípios do NLG destacamos o realizado por Newfield e Stein (Cope e Kalantzis, 2001) com uma turma de alunos de mestrado em Letras em Johannesburgo. Os pesquisadores pediram que os alunos refletissem sobre a aplicabilidade do multiletramento no trabalho deles

²¹ O New London Group foi nomeado a partir do lugar onde se encontraram pela primeira vez, em 1994: New London, em New Hampshire, EUA. Em 1996, o grupo publicou o primeiro artigo intitulado “*A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures*”, na revista *Harvard Educational Review*.

²² “At the same time as it [English] is becoming a *lingua mundi*, a world language, and a *lingua franca*, a common language of global commerce, media and politics, English is also breaking into multiple and increasingly differentiated Englishes, marked by accent, nation origin, subcultural style and professional or technical communities.”

como educadores. Os alunos foram incentivados a filmar as conversas no ambiente de trabalho. Alguns dos tópicos que emergiram foram a necessidade de se acessar a linguagem do poder, a necessidade de se conhecer os artefatos visuais para a leitura de textos contemporâneos, além da necessidade de se manter e reabilitar professores para acolher crianças recém-chegadas - com uma história lingüística e cultural diferentes à escola.

Já o estudo do professor David Bond (Cope e Kalantzis, 2001) com alunos de graduação em Administração, da universidade de Cape Town, visava trabalhar com alunos adultos que tinham boa experiência profissional, mas que não foram valorizados devido à falta de qualificação educacional ou à discriminação de raça ou gênero. O professor envolveu os alunos em situações de negociação dramatizadas. Os alunos e o professor analisaram e descreveram a prática da vida real, a dinâmica da interação face-a-face, incluindo o tipo de linguagem usada. Os alunos definiram a negociação e seus estágios e o modo de descrever a posição dos participantes. Além disso, os alunos observaram criticamente as metáforas que usávamos no dia-a-dia para falar de situações de negociação (*negotiations are war*²³).

Enfim, o objetivo maior do NLG é, de modo geral, complementar o ensino do letramento para os novos tempos e não alterar por completo a prática pedagógica que já vem sendo desenvolvida em cima do entendimento do termo letramento.

4.1 Resumo

Nesse capítulo definimos o termo letramento como fenômeno social complexo e discursivo, que possui várias nuances (multiletramentos). Os trabalhos revistos nos levaram a concluir que letramento é a própria prática social, pois está relacionado ao modo pelo qual os indivíduos constroem significados nas interações com o meio, os outros e os textos.

²³ Negociações são guerra.